

■ Um cérebro na barriga

Um cérebro no alto da medula espinhal e outro, o sistema nervoso entérico, escondido entre as vísceras. Por que não? Segundo Michael Gershon, coordenador do departamento de anatomia da Universidade de Columbia, Estados Unidos, a conexão entre os dois é bastante clara (*New York Times*, 23 de agosto). Quem já sentiu um frio na barriga antes de falar em público ou o intestino solto antes de uma prova difícil concordará com ele. Sinais de ansiedade, depressão, úlceras e mal de Parkinson surgem tanto na mente quanto no intestino. Medicamentos para um dos cérebros podem atingir o outro: antidepressivos, por exemplo, causam problemas gástricos em um quarto das pessoas tratadas. O também chamado pequeno cérebro também se vale, como o grande, de uma rede própria de circuitos neurais, neurotransmissores e proteínas para cumprir seu papel: administrar a digestão, do esôfago até o intestino. •

Elas também vão à praia

Em junho e julho, auge do verão europeu, quem buscou o sol nas praias do Mediterrâneo teve de se preocupar em evitar as medusas. Levadas pelas correntes marinhas, chegam ao litoral e causam problemas: em dez dias, em Costa Brava, no litoral da Espanha, houve 11 mil banhistas com queimaduras, que causam ardência, enjôos e febre. Medusas como a *Pelagia noctiluca* proliferam em razão do aumento da temperatura das águas ou da escassez de predadores como peixes e tartarugas. “Há explosões

populacionais de medusas também no litoral do Brasil, com a agravante de que algumas espécies daqui são mais perigosas”, comenta o biólogo Antonio Marques, da Universidade de São Paulo (USP), que testemunhou a aflição dos moradores da Catalunha com o ataque desses invertebrados de corpo gelatinoso. Segundo ele, a hipótese de que a pesca excessiva cause um aumento da população de medusas deve servir como alerta. “Empresas pesqueiras de outros países gostariam de

atuar em nossas águas, alegando que o Brasil pesca pouco, mas uma expansão sem planejamento poderia ter altos custos ambientais, ainda que traga algumas divisas imediatas.” Entrevistada pelo *El Periódico de Catalunya*, a bióloga Sarah Frías-Torres aponta duas saídas. A primeira é reduzir a pesca e adotar outras formas de explorar os recursos marinhos. A segunda: “Começar a comer sopa de medusas”, graceja. São um tanto insípidas, mas tostadas passam como um bom petisco. •



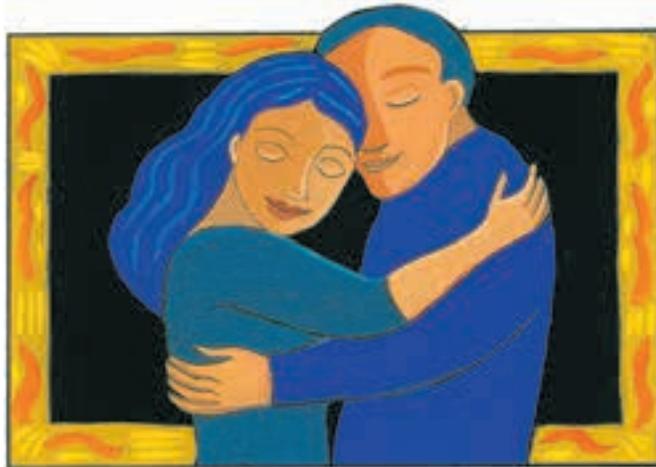
Uma medusa do gênero *Pelagia*: perigo flutuante no Mediterrâneo

■ Antidepressivo e suicídio de adultos

Adultos que tomavam anti-depressivos à base de paroxetina apresentaram um risco maior de tentar suicídio do que aqueles que não tomavam esse fármaco, atualmente indicado para cerca de 20 milhões de pessoas no mundo todo. Com base nessa conclusão, pesquisadores noruegueses sugerem que a recomendação de restringir o uso desse fármaco em crianças e adolescentes incluía também adultos. Ivar Aursnes e sua equipe da Universidade de Oslo analisaram os testes feitos com paroxetina e encontraram sete tentativas de suicídio no grupo de 916 adultos que tomavam esse antidepressivo e uma entre os 550 que haviam tomado placebo. Em fevereiro, David Grunnell, da Universidade de Bristol, Inglaterra, havia alertado sobre o risco mais elevado de comportamento suicida entre as pessoas que tomavam antidepressivos inibidores de recaptção de serotonina (SSRIs), o mesmo grupo da fluoxetina, do Prozac, mas sem avaliar especificamente a paroxetina. O grupo de Oslo confirmou: todos os antidepressivos do tipo SSRI aumentam as tentativas de suicídio em adultos deprimidos. •

■ Os benefícios de um longo abraço

O segredo da longevidade e da boa saúde pode estar em algo que vem naturalmente às mãos de todo o mundo, mas que geralmente os filhos renegam: um caloroso abraço. Ser acolhido entre os braços de outra pessoa reduz a quantidade de dois hormônios do estresse, o cortisol e a norepi-



LAURABENRIZ

nefrina, e aumenta a de oxitocina, o hormônio associado ao amor maternal, concluiu a psiquiatra Karen Grewen, da Universidade de Carolina do Norte, Estados Unidos. Participaram desse estudo 28 casais, dos quais foram medi-

dos a pressão sanguínea e os níveis de oxitocina e cortisol antes e depois de conversarem sobre momentos felizes que viveram juntos, de assistirem a cinco minutos de um filme romântico e de se abraçarem por 20 segundos. Esses achados, publicados na *Psychosomatic Medicine*, ajudam a explicar por que as pessoas casadas geralmente têm uma vida mais saudável que as solteiras. Outros estudos já haviam sugerido que o divórcio, a perda dos pais ou do parceiro e o isolamen-



Esbelta, sim, mas com quase 1 tonelada: perigo de extinção nas alturas

EDUARDO CESAR

to social prejudicam a saúde, mas só agora se consegue explicar os efeitos benéficos do casamento: o toque dispara a produção de oxitocina, que acalma e alivia o estresse e, por sua vez, alimenta o desejo de tocar e ser tocado. Mas a qualidade do contato é crucial. Abraços com tapas fortes realizados sob holofotes, como os vistos entre os políticos de Brasília, não valem; para alimentar o bem-estar, têm de expressar carinho e apoio. •

■ Quanto maior, maior o risco de extinção

Atenção, grandalhões, não confiem tanto na sorte. Biólogos ingleses e norte-americanos demonstraram em um estudo publicado na *Science* (19 de agosto) que o risco de extinção depende essencialmente da massa corporal: quanto maior, maior a chance de os herdeiros não verem mais a luz do sol. Uma equipe coordenada por Marcel Cardillo, do Imperial College London, examinou 4 mil espécies de mamíferos terrestres, cuja massa corporal variava de 2 g de uma espécie de morcego até os 400 kg do elefante africano. O risco de extinção mostrou-se maior entre os animais de maior porte porque a densidade populacional é menor – e a taxa de crescimento populacional cai à medida que cresce a massa corporal. Esse trabalho ajuda a identificar as espécies mais suscetíveis ao declínio, podendo levar a planos de conservação mais efetivos. De acordo com o modelo proposto nesse estudo, a taxa de risco de extinção para uma espécie de 300 kg seria de 1,00, comparado com uma de 0,38 para espécies de 300 g. •